

**SERTÃO DE ARIANO SUASSUNA —
FAMÍLIA E PODER: UMA LEITURA**

Vernaide Wanderley*

Eugênia Menezes*

Este texto foi produzido a partir da pesquisa Identidade do Sertão Brasileiro, um estudo interdisciplinar utilizando referenciais teóricos da Geografia (Percepção do Meio Ambiente), da Lingüística (Análise do Discurso) e uma abordagem sócio-antropológica da Identidade. O objeto de estudo — o sertão brasileiro — foi captado através de quatro categorias de análise: a natureza, a família, o poder e a religião/sobrenatural que, transcendendo-se numa visão holística, compuseram o quadro explicativo das múltiplas relações dos atores dessa área interiorana.

Obras literárias de Ariano Suassuna (*O Rei Degolado ao Sol da Onça Caetana*), de Euclides da Cunha (*Os Sertões*) e de Guimarães Rosa (o conto *Campo Geral*, da obra *Manuelzão e Miguilim*) constituíram a fonte dos dados utilizados. O presente trabalho enfoca a análise das categorias Família e Poder na obra de Suassuna, que, sob a ótica da classe privilegiada, retrata o sertão da Paraíba envolvido no tumulto da Revolução de 1930.

A Família representada por Suassuna assume importância fundamental para a compreensão da narrativa. O substantivo **sangue** permeia toda a obra, colorindo “sonhos” e

* Pesquisadoras do Departamento de Ciências Geográficas do Instituto de Pesquisas Sociais — Fundação Joaquim Nabuco.

“realidades”, como constatamos no discurso de Dom Pedro Dinis Quaderna, o Decifrador — o Quaderna, personagem principal e narrador:

(...) às vezes, eu tenho dificuldade de sair desse estranho mundo de sonhos cheios de sangue para voltar à realidade cotidiana. E é por isso, afinal, que, às vezes, despertando desses sonhos, sinto na boca um gosto de sangue (...) (77)

Embora, num primeiro momento, possamos associar o **sangue** apenas às questões de morte, e o é com frequência, ele significa muito mais — a vida de Quaderna foi traçada e testamentada pelas famílias que lhe deixaram um legado de sangue, através do qual seus atos presentes e futuros foram definidos:

— Entretanto, mais talvez do que de ser um Sertanejo, (...) o gosto de sangue do sonho, vem da minha “sina” de Garcia-Barreto e de Quaderna, um descendente, portanto, de velhas famílias e velhos sangues sertanejos, dos quais se acumulou um estranho testamento de afetos e rancores ancestrais, dívida de sangue a cobrar e a pagar, heranças de ódios e lealdades inalienáveis. (77/78)

Observamos que o conteúdo desse legado é tecido, basicamente, por princípios opostos: **afetos** e **rancores**; **dívidas a cobrar** e **a pagar**; **ódios** e **lealdade** e mesmo **velhas** e **velhos**, para família e sangue, respectivamente. Esse o sangue das velhas famílias, de quem nasceu Quaderna, identificado com a vida e a morte, o bem e o mal — “(...) desde menino, foi diante dessas encruzilhadas de fogo que eu vivi, atraído e fascinado: a Vida e a Morte; a Mulher e a Sina; Deus e o Demônio; o Mundo e a Cinza” (87). Um sangue do qual ele se orgulha: “Por isso, Sr. Corregedor, desde menino, tive a orgulhosa consciência de que meu sangue era talvez impuro, mas não era, de forma nenhuma, um sangue comum”. (86)

Na verdade, considerando-se a realidade sertaneja, não era um “sangue comum”: Quaderna pertencia à classe dos donos de terra e chefes políticos; pertencia à Aristocracia do Couro — detentora do poder político e econômico —;

pertencia ao "Reino do Cariri do Nordeste", fazendo parte não da plebe, mas da "corte". E, pelo sonho "monárquico" do autor, cria-se a possibilidade de Quaderna remontar sua ancestralidade, mesclada de diversos sangues, é verdade, mas, inconfundivelmente, povoada de inúmeros títulos de nobreza:

Nesses momentos, sinto, sempre, as duras fisionomias dos meus ancestrais sertanejos: Dom João Ferreira-Quaderna, o Execrável; Dom Manuel Garcia-Barreto, Barão do Cariri; Dom Pedro Antônio Vieira dos Santos; Dom Pedro Alexandre Quaderna; Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto; e outros e outros. (78)

E esse sonho, esses títulos, perseguem ou seguem incorporados a Quaderna, mesmo quando, mais tarde, já identificado com o seu Povo, tenta (re)construir seu Império castanho, o Império do Brasil, com sua bandeira e seu escudo, misto de República popular e República aristocrática:

De modo que assim foram criados os três escudos e as três bandeiras (...) sendo então fundadas, na casa de Clemente, a República Popular do Brasil, comunista; na casa de Samuel, a aristocrática República Unitária do Brasil, integralista; e sendo restaurado, na minha, o Império do Brasil. Eu o sonhava adaptado ao novo Brasil que, apesar de tudo, ia surgindo: (...). (60)

Como se vê, o Império castanho de Quaderna, o Decifrador, é uma fusão da República Unitária de Samuel com a República Popular de Clemente. (58)

É importante ressaltar a amplitude da conceituação dos Chefes das "velhas famílias" — eles detêm não somente o poder familiar, mas, também, o poder político, isoladamente ou associados a outras famílias, de ancestrais comuns ou não, possuidoras desse poder. Esse entrelaçamento de famílias dá origem à formação de verdadeiros clãs, com seus códigos de honra, acordos ou desacordos, com facções adversas, norteados pela luta política, que vai desencadeando uma teia de relações demarcadora do território de cada

clã, como se pode ver através do diálogo entre dois membros da família Villar, uma das poderosas do lugar:

— Olhe, Major Jocelyno, eu vou para essa reunião porque meu Pai mandou: sou contra qualquer acordo com a família Pessoa! (...)

— Homero, não fale assim não, meu filho! (...) Nós dois estamos indo para a fazenda dos Garcia-Barretos, que sempre foram aliados dos Dantas, dos Villar e dos outros donos-de-terra sertanejos em nossa luta contra os Pessoas e os comerciantes da Capital! (16)

Com a descrição de uma das famílias, o autor nos permite analisar algumas questões relativas ao preconceito sócio-moral e de cor:

O último, o Major Zorobabel, vinha acompanhado de perto por seus dois filhos bastardos, Benedito e Aldelgício, que o seguiam nos calcanhares, como dois cachorros-de-fila. (10)

Embora o adjetivo **bastardo** possa indicar uma descendência mestiça, o que se comprova também pelo trecho subsequente da mesma página, no contexto apresentado ele se reveste de valores sócio-morais pejorativos. A oração explicativa — **que o seguiam nos calcanhares, como dois cães-de-fila** — mostra a posição “sub-humana” que os filhos de uma união “não legalizada” assumem na estrutura familiar sertaneja, pelo menos nas famílias donas do poder nas três primeiras décadas do século, onde se situam os acontecimentos narrados.

A associação estabelecida com a cor também se faz de forma depreciativa, uma vez que a família em questão tinha “duas linhagens, uma loura e godo-nórdica e outra morena, a mais bruta”; o Pai dos “bastardos” era da última linhagem, a morena; e a mãe descendia dos índios Cariris.

O aposto **a mais bruta**, para a linhagem **morena**, entendido como forma depreciativa em relação à linhagem **loura**, talvez seja insuficiente para se afirmar a existência de um preconceito de cor. Ele também pode transmitir a idéia de uma linhagem mais nativa, ligada à descendência indígena — mais que a negra, considerando-se a ocupação sertaneja —

ou, ainda, à menos culta. No entanto, em duas passagens da obra, o preconceito fica explicitamente caracterizado: as famílias importantes não deveriam se “misturar” com pessoas de posição “inferior” na escala racial e sócio-econômica; como também, as de cor mais escura tendiam a procurar pessoas brancas para se “clarear”; comprovemos nos textos:

a. — Casado estaria eu, se meu Pai tivesse concordado! — disse João Dantas (...)

— Ela é escura demais para um Dantas! — Disse o Doutor Sinhozinho (...) — Pode ser boa como for; para sua mulher, não serve! Nem eu entendo essa atração esquisita que você tem por mulheres de cara talhada e lábios grossos, morenas demais, com sangue índio, ou negro, ou cigano, sei lá! (34)

b. — Mas em Quaderna, a predominância é ibérica e cariri, ele ainda **passa***, ainda **vai**, como meluco-castanho e sertanejo! — insistiu Samuel, implacável no seu racismo. — Em você, Clemente, apesar do cabelo “bom” e dos olhos agateados, a predominância na cor da pele, é do escuro! Assim, o que você é, **mesmo**, é um Negro!

— Isso prova somente que sou mais brasileiro do que Quaderna!

— Mais brasileiro não, mais **negro**! É por isso que, (...) você se casou com uma mulher albina (...)

— (...) Deixe em paz a minha vida particular (...) **casando** com uma branca, eu estaria, talvez, somente procurando me clarear até o **castanho dos Tapuias**, cor na qual, como já disse, há de se estabilizar a raça brasileira! (57)

Ao longo de todo o texto, porém mais especificamente no **Folheto II**, Suassuna se preocupa com as questões étnicas; com a formação da Raça sertaneja/brasileira. É lá, no sertão, que toda a raça humana se origina, fruto de incestos e metamorfoses de deuses e animais:

* O negrito das citações corresponde a itálico no original.

Assim, como resultado desses incestos e metamorfoses, surgiram os primeiros homens e mulheres, os Tapuios e Tapuias-Cariris, antepassados dos nossos índios de cara de pedra, dos astecas, maias, incas e toltecas, e, portanto, geradores primeiros de toda a Raça humana. (11)

Acreditamos que o autor recorre a esse “sonho fantástico”, do sertão convertido em Paraíso primeiro, para indicar a particularidade de nossa formação étnica e entender o processo de esculturamento ou como vão sendo modelados os barros e pedras, sob a proteção do divino, para a composição das gentes do Sertão/Brasil — seu **lugar** e **espaço**, respectivamente. Em última instância, para entender a identidade do nosso Povo, de características tão próprias. Esse Povo, surgido daquela “(...) raça Cariri de tapuios castanhos e bronzeados, errantes pela caatinga sertaneja, homens e mulheres de cor parda e negros cabelos corredios (...)” (11/12); “misturados depois à segunda geração de marujos godo-ibéricos e celtárabes” — já cruzada com “Negros Portugueses, índios, Tupis, Espanhóis e Judeus Cristãos-Novos”. (12) —, que chegou ao sertão “procurando terras e pastagens para nelas situar seus gados e rebanhos”. (12)

A paisagem sertaneja, coberta de pedras e luz enceguecedora, servindo de pouso a gentes de cores distintas e lugares diversos, deu origem a uma Raça castanha, a um Sertão/Brasil castanho. O adjetivo **castanho** converte-se, em toda a narrativa, num símbolo do Sertão de Quaderna, do Sertão de Suassuna, do Sertão do Povo Sertanejo — **Povo** com letra maiúscula, como é usual na obra, traduzindo a importância daquela gente que ali se formou.

Os relacionamentos interfamiliares eram definidos pelo sangue e pelas lutas políticas, constituindo verdadeiros clãs, como vimos anteriormente. Mas, numa análise isolada da estrutura familiar, alguns aspectos merecem destaque.

As figuras de maior realce, em toda a obra, são as masculinas — ousamos afirmar que, ao nível da família, é “um livro masculino”, de feitos e heróis masculinos, com seus chefes de família citados freqüentemente: pais poderosos/filhos obedientes. Nesse cenário, o poder familiar, sempre associado ao político, vai sendo “transferido” de geração a geração, desde que os prováveis sucessores ajam no senti-

do de seguir a orientação paterna, isto é, mantenham a obediência em todos os níveis, inclusive na escolha das moças com quem queriam casar:

Mas meu Pai não quer que isso aconteça: por isso me mandou, eu obedeci, e vim! Vou proteger você (...) assim como meu irmão Clodoveu vem protegendo o Doutor Félix Dantas, também a pedido de meu Pai! Mas eu lhe digo uma coisa: nem eu nem Clodoveu estamos de acordo com meu Pai nisso! (19)

Como vemos, nesse primeiro texto, os filhos estavam em desacordo com o pai, no que se refere ao mérito da ordem dada, no entanto, não se rebelavam. A construção da oração — "(...) **me mandou, eu obedeci e vim!**" — com ausência de complemento verbal, sugere a falta de espaço para a contra-argumentação dos filhos.

— Muito bem! — disse o Doutor Sinhozinho, com intenção deliberada. — Pois quando o poder vier a cair na mão dos Dantas, os Dantas devem estar preparados para transmitir a Chefia, de pai a filho e de filho a neto.

— O que o senhor quer dizer com isso, meu Pai?

— Você sabe melhor do que eu, João! Quando seu Avô morreu, passou a Chefia da nossa família a meu irmão Manuel, o mais velho. Manuel não tinha filhos e morreu logo depois, de modo que a Chefia veio para mim. Se você não casar ficará sem filhos e eu não poderei passar a Chefia a você como é meu desejo!

— Casado estaria eu, se meu Pai tivesse concordado! (34)

O Doutor Sinhozinho falava sob ameaças, e o que poderíamos concluir disso?

a) para que o Poder fosse exercido pela geração seguinte, era preciso que ela assegurasse, **pelo casamento**, sua descendência: "**se você não casar ficará sem filhos e eu não poderia passar a Chefia para você (...)**";

b) o casamento deveria estar de acordo com a escolha paterna: “— **Casado estaria eu, se meu Pai tivesse concordado!**”;

c) o preconceito de cor se reafirma e, por extensão, o social; o Dr. Sinhozinho não **concordava** porque a moça escolhida pelo filho era: “(...) **escura demais para um Dantas!**”. (34)

Essas famílias sertanejas cheias de Poder, sobre os filhos e sua gentê, tinham seus códigos de honra e um deles merece registro: o da hospitalidade; estavam sempre prontas a receber, educadamente, pobres e ricos, aliados e opositores políticos:

— E esse Garcia-Barreto ao menos nós recebe? — indagou João Pessoa (...)

— (...) não se preocupe não, vamos ser bem recebidos pelo Garcia-Barreto. Ele é homem austero, ríspido e inflexível, mas prometeu ao nosso amigo Coronel José Pereira que nos recebia. Como sertanejo, ele é hospitaleiro e segue os códigos de honra de sua terra: na casa dele, uma vez admitido, você não é mal recebido de jeito nenhum! (11)

A importância do elemento masculino, na obra de Suassuna, tem em Quaderna a sua maior representação. Como homem, ele é personagem principal e narrador dos acontecimentos, e a morte prematura do Pai e Padrinho, associada a outras mortes, faz com que seu universo de referências seja, quase todo, povoado de figuras de homens/heróis.

A vida e a morte de meu Bisavô, do meu Avô, do meu Pai e de meu Padrinho, marcaram meu sangue para sempre (...) (85)

É a poderosa presença do sangue de meu Pai e de meu Padrinho, marcada pelo signo e pela bandeira sangrenta de sua morte, a me compelir e impelir para o alto, para o fogo do Sol. (86)

No que pese serem o Pai e o Padrinho as figuras mais marcantes para Quaderna, a representação que ele faz dos dois se diferencia — “... meu Padrinho podia ser o dono

das terras sertanejas, mas o dono do Rio era meu Pai". —; então, a primeira liga-se às lembranças "doces" e a do Padrinho associa-se à austeridade e ao perigo. O texto seguinte elucida o exposto:

Mas, de meu Pai mesmo (...) eu só lembro depois (...) tempo em que surge também, em minha vida e na minha lembrança, a figura austera, perigosa e assinalada de meu Padrinho (...). Nos três primeiros anos de minha vida, lembro-me de meu Pai em cinco ocasiões: meu Pai sentado numa rede, embalando-se, e tendo-me a mim sentado em sua perna; meu Pai comigo e com meu Padrinho, à margem do Riacho das Piranhas e do Riacho Acauhan (...); meu Pai tirando frutas de carnaúba com uma pedrada e meu Pai em pé na calçada de pedra (...), olhando lá longe (...) com uma expressão bela, triste e sonhadora no rosto. Fora daí, é só meu Pai com meu Padrinho (...) (94/95)

Quaderna esforça-se para manter essas imagens "doces", ou "míticas" do Pai — "Voltava então os olhos para o rosto de meu Pai, e via-o como um santo ou um profeta, cercado por um halo de luz". (97) Mas, pertencendo às famílias poderosas daquele Reino do Sertão, além do político e econômico, seu pai detinha o Poder familiar, pois era também: "**dono de todos nós — seus filhos**". É Quaderna quem diz no texto:

(...) e voltou-me nítida, à memória, a imagem de meu Pai, daquele homem de cara enérgica e limpa, dono das maravilhas, dono dos cavalos, dono de todos nós — seus filhos — (...)

E tudo aquilo era mais sagrado ainda, (...) porque ele olhava para os lados do Rio (...); Rio estranho (...) e do qual meu Pai também era dono: como era, e é ainda, (...) — dos gados, das cabras e das pastagens, dos rifles, das pedras e dos punhais, do mato, das caatingas e do sol do sertão. (99)

Assim, sendo **dono** de todo o sertão, era, por dedução, **dono** da casa e "proprietário" de todos, mulher e filhos.

Enquanto o Pai assume proporções de um santo, profeta, príncipe; proporções de um Deus, senhor de tudo e de todos, as figuras femininas têm pouca representatividade na obra de Suassuna — já ousamos dizer que ela é um “livro masculino”.

No entanto, considerando-se a estrutura familiar de Quaderna, os elementos femininos de maior destaque são a Mãe e a Tia Filipa; sendo a Mãe comparada à Virgem Maria:

A Virgem chamava-se Maria, como nos ensinava Tia Filipa, nas lições de catecismo; e como o nome de minha Mãe era também Maria, eu ligava tudo aquilo a ela, à sua pele alva e fresca, às suas mãos abençoadas (...); mãos que eu nunca esqueceria, mesmo depois da morte dela, tão brutal e inesperada; (...) com seus dedos ao mesmo tempo perfeitos, fortes e delicados (...); mãos alegres, suaves, tristes, sonhadoras e valentes (...) (103/104)

Esses adjetivos, empregados aqui para as mãos, são possivelmente os que definiriam a Mãe de Quaderna: **perfeita, forte, delicada, alegre, suave, triste, sonhadora e valente**; podendo ser completados por **mansa e corajosa**: “(...) e apesar da mansa bravura que ela sempre teve em sua alma de mulher corajosa (...)” (81)

Essa coragem, atribuída à Mãe, aparece após a morte do Pai, e também a presença dela na narrativa — a morte do chefe de família obriga a mulher do sertão, com filhos pequenos, a assumir o comando da família. A partir daí, ela é capaz de enfrentar a todos, inclusive, a Polícia, quando teve sua casa invadida por soldados.

A Tia Filipa era mais valente do que a Mãe — “Tia Filipa, mais valente e, por isso mesmo, mais prudente (...)” (125) — e aparece na vida de Quaderna como substituta da Mãe, quando esta o “abandonou”; torna-se responsável por sua educação e, principalmente, pelos ensinamentos religiosos e correções das dúvidas de fé.

Completando o elenco de mulheres da vida familiar de Quaderna, embora ele fale pouco, mas de forma profunda e cheia de significados, surge Severina — possivelmente a babá, figura importante na vida de qualquer criança, especialmente na da criança sertaneja, pois, no sertão, as relações de trabalho na casa, entre empregado e patrão, ainda são permeadas de laços de afeto. Assim era Severina: mis-

to de babá, mãe e mulher — aquela que deixou o rastro de seus olhos verdes na vida de Quaderna, e a sensação de colo macio e aconchegante.

Passamos, a seguir, a enfocar um outro ângulo do nosso objeto: o Poder, que, em Suassuna, pode ser analisado mediante duas vertentes: a **familiar**, já vista antes, na qual o “sangue” torna-se responsável pela vida e destino das pessoas; e, pelas vivências afetivas que possibilita, vai tecendo um dos fios mais resistentes que compõem o elo de cada um com o seu lugar — e a vertente **político-econômica**.

Essas vertentes se entrelaçam e se confundem de tal forma na obra, que dificultam análises isoladas. Haja vista a configuração dos diversos “Clãs” a partir de relações interfamiliares — famílias consangüíneas e/ou as que se agregam a elas —, em torno de objetivos econômicos e políticos, e que passam a compor o que poderíamos chamar de **micro-territórios**: identificados por seus códigos de sangue e honra, acordos e desacordos políticos. E, numa visão mais ampliada, esses microterritórios se agregam e se configuram num grande Partido do **Território-Sertanejo** dos Senhores-de-terra, em disputa pelo poder, com o Partido do **Território-Urbano**, dos Comerciantes e Funcionários Públicos da Capital.

Vejamos isso nos dois trechos seguintes:

a. Ora, será entre estas **sete famílias perigosas** — os Villar, Garcia-Barretos, Dantas, Quadernas, Suaranas, Pereiras e Pessoas — que vai se centralizar a guerra sertaneja dos vinte anos que se seguem, com o Partido fidalgo-popular, sertanejo e verde-azul dos Dantas de um lado, e o Partido negro-vermelho, republicano, positivista e burguês dos Pessoas do outro. (15)

b. Desde 1889, com a proclamação da República, o Brasil vem se dividindo em dois Partidos! Aqui na Paraíba, o dos Dantas e Garcia-Barretos, verde-azul, é formado pelos Senhores-de-terra, unidos ao Povo que trabalha no campo. O dos Pessoas, negro-vermelho, é formado por comerciantes e funcionários públicos da Capital. (16)

No início do texto a., estão explicitadas as seis famílias sertanejas — **Villar, Garcia-Barreto, Dantas, Quaderna, Suarana e Pereira** —, co-responsáveis pelos acontecimentos

políticos do Sertão, e, mais adiante, reunidas no **Partido dos Dantas**. Esse fato se repete no texto b., quando elas se apresentam agrupadas no **Partido dos Dantas e Garcia-Barretos**, o que vem confirmar o processo de aglutinação dos “Clãs/Microterritórios/Partido”, exposto anteriormente.

A partir da motivação desses textos, complementados por outros, alguns aspectos do Poder poderão ser abordados na obra de Suassuna. Vejamos, inicialmente, como eram vistos os acordos políticos pelas duas facções envolvidas na disputa:

A. Facção Sertaneja — homens do campo

— Olhe, Major Jocelyno, eu só vou para essa reunião porque meu Pai mandou: sou contra qualquer acordo com a família Pessoa! (...)

— Homero, não fale assim não, meu filho! Eu sou seu primo, mas sou homem mais idoso, é como se fosse seu tio! Já estou velho e conheço o mundo (...) Vamos assistir ao batizado do menino Sinésio (...) Que mal existe nisso?

— Que mal existe? (...) esse batizado é somente pretexto para a reunião em que vai se tratar da tal “conciliação política” dos Sertanejos com a família Pessoa, acordo que é uma desmoralização para meu Pai! (16)

— Homero, se acalme! Em Política, a gente tem que ceder muita coisa e engolir muito sapo! (17)

— Homero, (...) É muito melhor um acordo ruim do que uma briga boa! (18)

B. Facção Urbana — comerciantes e funcionários públicos

— Que é isso, João? — indagou Carlos Pessoa jovialmente. — Não está contente com a perspectiva de acordo, não?

— Acordo? Que acordo? — retrucou João Pessoa, sombrio. — Diga, antes, humilhação e desmoralização para os Pessoas, Carlos! Pedirmos uma en-

trevista a nossos piores inimigos, os Dantas e os Garcia-Barretos (...)

— Calma, João! Calma, meu primo! — disse Carlos Pessoa, bem-humorado. — Em Política é assim mesmo, ganha mais quem mais espera! Você parece que não está entendendo: Tio Epitácio viu que, agora, do jeito que as coisas estão, o melhor que ele tem a fazer é contemporizar! (37)

Em que pese os textos serem fragmentos do discurso de facções distintas, eles apresentam semelhança, no momento em que os analisamos sob a perspectiva dos “menos experientes” e “mais experientes” em política:

— os “menos experientes” se utilizam dos mesmos substantivos — **desmoralização e/ou humilhação**, do Pai ou da Família — para explicar as conciliações ou acordos políticos com os opositores.

A. (...) **“conciliação política”** dos Sertanejos com a família Pessoa, **acordo que é uma desmoralização para meu Pai!**

B. (...) **Que acordo?** (...) — Diga, antes, **humilhação e desmoralização para os Pessoas** (...)

— a argumentação dos “mais experientes” objetiva a conquista do Poder Político; assim, apresentam um discurso “moderado”, “conciliador”, e dele pode-se extrair algumas máximas sobre o fazer político.

A. (...) Em Política, a gente tem que ceder muita coisa e engolir muito sapo!

(...) É muito melhor um acordo ruim do que uma briga boa!

B. Em Política é assim mesmo, ganha mais quem mais espera! (...) o melhor que ele tem a fazer é contemporizar!

Retomando os textos “a” e “b”, citados no início das análises desta categoria, consideremos alguns “recortes” para observarmos como o Partido dos Senhores-de-terra entendia sua Aliança com o Povo.

a. (...) o **Partido fidalgo-popular**, sertanejo e verde-azul dos Dantas de um lado (...) (15)

b. (...) o dos Dantas e Garcia-Barretos, verde-azul, **é formado pelos Senhores-de-terra, unidos ao Povo que trabalha no campo**. (16)

Então, que categoria é essa denominada Povo, na obra de Suassuna, que se alia ao Partido fidalgo-popular dos Dantas e Garcia-Barretos? E também aos Pessoas na Capital?

Deixemos que suas personagens respondam:

— E o povo, Homero? Você fala contra o acordo, mas se esquece de que, se houver luta, quem morre é o povo!

— O povo está conosco, Major Joselyno (...) E além disso eu me importo, lá, com o povo? O povo vem aí, atrás de mim, olhe! — disse Homero apontando o grupo moreno de seus cabras entrancados de cartucheiras, e que ouviam, impassíveis, a discussão. (19)

Assim, Homero, personagem importante desse diálogo, mostra o **Povo**, sempre atrás dos chefes: **“um grupo moreno de seus cabras entrancados de cartucheiras, e que ouviam, impassíveis, a discussão”**. Esse Povo, na realidade, sabia apenas ouvir, impassível, porque em toda a narrativa ele não tem voz; todos os diálogos se estabelecem entre as facções detentoras do Poder. Ao chegar a vez do Povo, é Quaderna, personagem central/narrador da obra, quem fala por ele:

Era o Povo que surgia ali então — cerrado, enigmático, ajoelhado numa súplica mansa mas altiva, dilacerado pela injustiça secular, martirizado e tentando sempre, por entre sua grosseria e abandono, se alçar ao Divino. Ali no Sertão, limitara-se até agora a se unir ao Partido político dos Senhores-de-terra, para, assim, dar expressão a sua força cega, as suas explosões de revolta extraviada. Na cidade, unir-se-ia aos Pessoas, na luta destes em favor da Burguesia e contra os Senhores-de-terra. (...) e terminava sempre pagando a verdadeira quota de sangue. Até quando permaneceria assim? (38)

Utilizando-se de uma linguagem carregada de adjetivos, que comove, Suassuna/Quaderna consegue elucidar essa categoria sem voz, o Povo: **cerrado, enigmático, ajoelhado, dilacerado, martirizado**, tentando se aproximar do Divino por impossibilidade de exercitar suas potencialidades de homens reais, livres; e, tendo, como única alternativa de identidade, mesmo suicida, aliar-se, no campo ou na cidade, à luta dos que sabiam por que e para onde a disputa os conduzia. Nesse processo, muitas vezes, convertiam-se em meros satélites da luta política, recebendo o cognome de “cabras” — homens armados, que compõem a leva de agregados das famílias poderosas, oferecendo a vida para salvar as dos Chefes, em troca do soldo que garantisse a sobrevivência de suas famílias —, como bem ilustra Quaderna:

Não tinham nada a ver com a Política paraibana, (...). Apenas as circunstâncias da vida, (...), os tinham aproximado daquela família importante, da qual dependiam suas casas, sua comida, suas famílias, enfim, suas vidas, agora despedaçadas ali, daquela maneira extraviada e anônima. (47)

De forma alegórica, através da passagem do “Carcará e do Bem-te-vi” (30/31), o autor representa a luta desigual que se observava (ou se observa?) naquele Sertão/Paraíba/Brasil, entre os Poderosos — grupos político-econômicos fortes, do campo e da cidade — e o Povo, formado por agregados e oprimidos.

Os Poderosos acham-se representados no Carcará, “nascido para despedaçar e preparado para isso por herança e direito de posse — o faminto comedor de pássaros e sangrador de cabritos e cordeiros novos”, e caracterizado pelos adjetivos: **grande, feio, sombrio, rico e cruel**. Por sua vez, o Povo encontra-se no Bem-te-vi, “simples comedor de frutas e insetos”, com as seguintes qualificações: **tranquilo, pequeno, de asas curtas, deselegante, popular, pobre, sem armas especiais, sem garras, sem bico duro e acerado**.

Os Poderosos, **por herança e direito de posse**, eram donos de terras, animais e gentes. E o que restava ao Povo, destituído de legados de sangue e de direitos? Aliar-se cegamente aos Poderosos, como vimos anteriormente? Ou criar formas estratégicas de contra-atacar o poder, levando em conta a **astúcia** e a **tenacidade** para sobreviver ao combate, como no exemplo do Bem-te-vi?

O Bem-te-vi começou a desnortear o Carcará, primeiro porque não fugia, depois porque seu tenaz estilo de combate era grosseiro e primário (...) o Bem-te-vi volteou-o, colocou-se por cima dele e começou a esvoaçar deselegantemente em torno de sua cabeça, dando-lhe pequenas bicadas em sua nuca empenachada e orgulhosa. Era um combate feio mas tenaz. (...) Aquela resistência incomodava-o, aquele tipo de luta envergonhava-o um pouco, a ele privilegiado rico, habituado às comodidades do poder e da riqueza. (...) E logo o Carcará começou a dar guinadas com a cabeça, tentando escapar às bicadas fracas mas constantes do Bem-te-vi, bicadas que nunca o matariam, mas que importunavam e envergonhavam. E afinal ele terminou por fugir — importunado, desdenhoso, mas batido. (30/31)

Entre os pólos da disputa pelo Poder — Senhores-de-terra e Burguesia Urbana — vimos como se processava a Aliança com o Povo; em outro plano, resta comentar a Aliança com o Exército.

Enquanto o Povo se unia aos Chefes para “dar expressão a sua força cega, a suas explosões de revolta extravaiada”, transformando-se em aliados pobres, anônimos e dependentes, a Aliança com o Exército era disputada pelas facções políticas e considerada decisiva para a vitória. Vejamos um trecho que elucida e dá margem a comentários sobre o tema:

— Meu Pai, está na hora de nós tomarmos o poder, na Paraíba! (...) No Brasil e em toda a América Latina, o Exército é a única força política decisiva. É o único Partido político capaz de realizar a independência e a grandeza da Nação, por ser o único armado, o único que dispõe de chefes capazes, de unidade, hierarquia e disciplina. (...) Assim, agora, no momento brasileiro, se o Exército ficar conosco, vencemos nós. Se ficar com os Pessoas, vencem eles. (32)

Essa era a visão de Quaderna sobre o Exército, nas primeiras décadas nas quais centra os acontecimentos que narra: um Partido político **armado**, composto por chefes ca-

pazes e disciplinados, do qual surgiria a salvação da Paraíba/Brasil/América Latina — uma “Salvação Militarista”. E com esse sonho libertário, tendo como Messias o Exército, a luta política terminaria por abdicar dos acordos e transformar-se em luta armada, havendo o “sacrifício” apenas do Povo, que “terminava sempre pagando a verdadeira quota de sangue” (38). Mesmo assim, o sonho de salvação permanecia: “Até quando o Exército permitiria que o País e o Povo (...) fossem dilacerados pelas facções?” (38). Argumentação falaciosa, a nosso ver, uma vez que a facção apoiada pelo Exército conquistaria definitivamente o Poder, mesmo sendo pela via indireta da intervenção militar no Estado. Dessa forma, o Povo continuaria subjogado aos Senhores do **Território Sertanejo** ou aos Senhores do **Território Urbano**.

— E se a luta política virar luta armada? (...)

— Se houver luta armada, tanto melhor para nós, meu Pai, e tanto pior para os Pessoas! Porque, com a luta, o Exército terá motivo para fazer intervenção federal na Paraíba, e o Estado cai de vez na mão do Coronel Rego Barros, dos Dantas e dos Garcia-Barretos! (34)

Ao lado dessa saída unicamente militarista para o Sertão/Brasil/América Latina — com o Poder, no Sertão, já assegurado aos Senhores-de-terra —, Quaderna passa a sonhar com o Poder monárquico, já comentado por ocasião das análises da Família; restaura, em sua casa, a sede do Império do Brasil. Para a composição deste, seriam convocados todos os brasileiros que, por força do ideário religioso, se uniriam ao Povo castanho, o Povo sertanejo, e ao Exército. E quem seria o Imperador? Quaderna?

(...): não um Império mofado e encasacado, mas uma imensa fraternidade do Povo castanho, com todos os Brasileiros convocados “a serviço”, vestidos de cáqui e mescla azul numa média da nossa pobreza honrada, e unidos aos Soldados em torno do nome sagrado de Deus. (60)

Em muitas passagens, o substantivo **sonho** é utilizado por Suassuna, que, a partir dele, nomina as posições privilegiadas, com as quais Quaderna se identifica. Mesmo que

ele seja “um cruzamento de Rei e de Palhaço”; e diga: “(...) a parte que talvez venha a me salvar seja a (...) do Palhaço de circo-pobre que sou eu”. (73)

Identificado nessa posição privilegiada — que lhe foi conferida, “a priori”, pelo legado de sangue dos “nobres” do Sertão — Ouaderna se vê não apenas como um Imperador, mas também como o Gênio da Raça Brasileira, ou como um segundo Cristo do seu lugar.

O perigo será o depoimento de amanhã, pois é Sexta-Feira da Paixão, dia em que Cristo foi crucificado! — disse Maria Safira, e eu estremeci, porque pela primeira vez me ocorria o fato de que eu estava vivendo três dias de Paixão, como acontecera ao sertanejo-judaico, Jesus Cristo, no Sertão da Judéia (...). (61)

Destituídas do Poder Político, perseguidas pelo Governo (facção contrária), pela Igreja e pelo Exército (antigos aliados), restava às famílias sertanejas, donas de terra, reivindicar o Poder do nome, o orgulho de pertencer a determinadas linhagens:

(...) Parece que ainda estou ouvindo a voz amada de minha Mãe dizer para meu irmão mais velho: — “Esses miseráveis pensam que vamos nos humilhar? Manuel, meu filho, puxe aí o canto: para mostrar a essa gente quem somos nós e quem é seu Pai, vamos todos cantar o hino do Sertão, o Hino de Princesa!” (121)

Por esses textos, podemos visualizar dois aspectos do Poder: 1.º) a forma pela qual a facção dominada “afugenta” o inimigo, utilizando-se do nome da família, mesmo de maneira implícita — **para mostrar a essa gente quem somos nós e quem é seu Pai** —, e da força de um símbolo — **o hino do sertão, o Hino de Princesa**, que remete a sentimentos patrióticos, ao **espaço/Brasil**, e reforça a idéia da consciência que aquelas famílias tinham do seu lugar; 2.º) e a forma arbitrária da perseguição política, estendendo seus tentáculos a todos os familiares dos Chefes políticos, o que pode ser ratificado neste trecho — “Agora, o ambiente estava se tornando cada dia mais ameaçador e carregado: a Polícia Militar

queria 'sangrar os Garcia-Barretos e Quadernas' — e os Garcia-Barretos e Quadernas éramos nós". (121)

Finalizando essas análises, podemos dizer que o Poder político, em Suassuna, é exclusivamente masculino. Mas, no seu Reino de homens políticos e poderosos, donos de terras, gentes e animais, o autor, através de uma representação simbólica, concede um poder maior — o Poder divino da Morte — a uma figura feminina: à Moça Caetana. A sedutora de homens, que, por metamorfose, se transforma na Onça "vermelha e alada da morte": "(...) divindade sertaneja diabólica e tapuia, vê tudo o que deseja, por mais longe que esteja a pessoa, por mais distante que se encontre o lugar". (9)

Sob a ótica da visão de mundo de cada autor, talvez a que se faça conhecer primeiro, em nossa pesquisa, e de forma mais clara, seja a de Suassuna. Essa suposição, no entanto, implica o conhecimento das origens do personagem central e narrador da obra, Quaderna: descendente de chefes políticos e donos de terra. Possuía um sangue incomum, uma ancestralidade composta de diversos sangues — recriada em diferentes tempos, e atualizada de forma mítica —, mas povoada sempre de significativos títulos de nobreza. Além de decifrador e poeta, era, principalmente, o descendente direto do dono "dos gados, das cabras e das pastagens, dos rifles, das pedras e dos punhais, do mato, das caatingas e do sol do sertão".

É com essa visão de mundo, forjada pelo destino do sangue, que Quaderna/Suassuna se debruça sobre a paisagem/espço do sertão. E através do poder mágico da literatura — ou das metamorfoses da Onça Caetana (?) —, o personagem-narrador vai nos apontando pedras; bichos; gentes; lutas e divindades, para nos mostrar que aquela realidade é também, e alternadamente, o território/lugar de quem o fez e viveu, e dos que lá permanecem.

Na maioria das vezes, Suassuna descreve a relação homem/natureza associando-a ao macrocosmos. Transforma os nomes de alguns elementos em nomes próprios, e atribui-lhes um caráter sagrado, fazendo-os portadores do Bem e do Mal — dualidade primitiva que permeia toda a obra. Constrói, até certo ponto, uma relação mágica/fantástica, na qual o homem pasma diante do grandioso. Com isso, ele permite ao sertão romper os seus limites e transcender-se, para universalizar-se. O mesmo acontece quando ele converte aquela terra em Paraíso, e faz dos Tapiuis e Tapiuas-Cariris os

“geradores primeiros de toda a Raça humana”. Proclama, assim, um sertão universal; aponta uma paisagem/espaco, dando-nos a idéia de liberdade e movimento. Mas, paralelamente, ele volta à segurança, à pausa, ao seu sertão localizado, ao seu território/lugar. Pois, quando as “divindades cariris se ajuntavam carnalmente”, gerando bichos e a Raça humana, “no começo imemorial dos tempos” — e sempre sob o olhar da Onça Caetana, com o poder da Morte e do Destino —, “Era, quase sempre, no tempo das chuvas, que tais coisas aconteciam”. No tempo das chuvas: época ansiosamente esperada pelo sertanejo da Paraíba, cansado do “sertão velho”, o dos grandes estios. As coisas acontecem no “sertão renascido” —, quando a vegetação rebrota, em verde e flores, as aves e os homens migrantes retornam, os rios e açudes transbordam e pacificam as pessoas.

Da mesma forma que o sangue simboliza — além de morte/tragédia —, essencialmente, herança e direito de posse dos poderosos, a palavra **sonho** associa-se a posições privilegiadas, com as quais Quaderna se identifica. Nas passagens onde isso ocorre, constatamos também uma alternância de sertões. Sonhos grandiosos permitindo ao personagem-narrador ultrapassar os limites do seu território: vestido no manto e coroa de um Imperador; escudado em fardões e coroadado como o Gênio da Raça Brasileira; usando a roupa surrada, mas divina, do “sertanejo-judaico, Jesus Cristo”. Esse último refletindo também a religião dominante do seu lugar, a católica. E, desse universo onírico, mágico, de autoridade e poder, ele retorna mais uma vez ao seu canto. Retorna e nos mostra o lado pobre, alegre, e também triste, do seu território/lugar, através do palhaço e do circo. Considera-se um híbrido de Rei e de Palhaço, mas afirma: “a parte que talvez venha a me salvar seja a do Palhaço de circo-pobre que eu sou”.

Olhando essa parte do Brasil, de coloração “castanha” (cor-símbolo da terra de Quaderna e de seu povo), ousaríamos afirmar, sem desconsiderarmos outras, que as relações interfamiliares — em torno de objetivos políticos e econômicos, originando verdadeiros “clãs” — apresentam-se como a vertente mais significativa para caracterizar o que chamamos de território/lugar; nesse caso, situado temporalmente nas três primeiras décadas do nosso século. Esses “clãs” demarcam diversos microterritórios, agregando-se e desagregando-se nas disputas políticas, quer sejam entre eles próprios, quer sejam para derrubar o inimigo comum do sertão: os re-

presentantes das forças políticas da Capital. Então, temos a configuração do Grande Partido do Território-Sertanejo contra o Grande Partido do Território-Urbano.

Se diagnosticamos essa vertente acima como a mais importante na demarcação do território sertanejo, por outro lado, encontramos na vertente do Sobrenatural a possibilidade maior de o sertão espacializar-se e universalizar-se. Isso ocorre quando Suassuna incorpora o Sobrenatural ao cotidiano, conferindo poderes sagrados a elementos da natureza, e encontra nessa última vertente, entre outros, o mito da Morte. Ratificando a alternância dos sertões, processo constante na obra, vemos que esse mito universal se corporifica num animal típico das matas sertanejas: a onça.

Assim era (ou permanece?) o sertão de Quaderna/Suassuna: castanho, pedregoso, espinhento, porém reluzente; pobre nos estios prolongados, porém verde e renascido pelas chuvas. Habitado e sendo construído por importantes donos e chefes políticos, com seus feitos de homens-heróis, na convivência com o Povo; este, misterioso e dilacerado, mas leal aos seus chefes, mesmo sem saber para onde a luta deles o levava. Território/lugar/sertão, observado e transmutado pelo sagrado, especialmente pela onça alada da Morte. E, nesse clima quase fantástico, o Povo exercitava suas rezas e suplicava a Deus e à Virgem Maria, entre presságios, visões, superstições e lendas, desenhando o perfil sincrético de sua religiosidade sertaneja, nordestina e profundamente brasileira.

Também paisagem/espço/sertão, assim considerados por tudo isso, e através dos vôos mais afoitos de Quaderna/Suassuna, perseguindo o sonho, o poder, a beleza, a feiúra; tentando universalizar nas fendas e silêncios de sua ficção/poesia aquele pedaço de terra: dele, nosso, e do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel Correia de. A Geografia e o problema da interdisciplinaridade entre as ciências. **Ciência & Trópico**. Recife, v. 11, n. 1, p. 7-17, jan./jun., 1986.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- BOUVIER, P. Représentation Sociétés, Paris, v. 1, n. 1, dez., 1984.
- COLLOT, Michel. Points de Vue sur la Perception des Paysagem. **L'Espace Géographique**, n. 3, p. 211-217, 1986.
- CREMA, Roberto & BRANDÃO, Dênis M. S. (orgs.). **O Novo Paradigma Holístico: Ciência, Filosofia, Arte e Mística**. São Paulo: Summus, 1991.
- DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre**. Paris: PUF, 1952.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 11-20.
- FAAR, R. Les Représentations Sociales. In: Moscovici, Serge et alli. **Psychologie Sociale**. Paris: PUF, 1981.
- FREMONT, Armand. **A Região Espaço Vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GENETTE, Gérard. **Figuras I**. Paris: Seuil, 1966, p. 101-108: Espace et langage.

- GRIMBERG & GRIMBERG. **Identidad y Cambio**. Buenos Aires: Ediciones Kargieman, 1971.
- GUIMARÃES, Denise A. D. A narrativa brasileira contemporânea e o tempo mítico. **Estudos Brasileiros**, Curitiba, n. 10, p. 197-224, nov., 1980.
- JOACHIM, Sebastien. A modernidade e o método interdisciplinar. **CLIO — Revista de Pesquisa Histórica — UFPE**. Série História do Nordeste. Recife, n. 12, p. 165-175, 1989.
- JODELET, Denise. Représentation Sociale: Phénomènes Concept et Théorie. In: MOSCOVICI, Serge et alli. **Psychologie Sociale**. Paris: PUF, 1981.
- MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade do Seminário de Tropicologia. **Ciência & Trópico**. Recife, v. 14, n. 1, p. 27-31, jan./jun., 1986.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- OLIVEIRA, Livia de. Contribuição de Estudos Cognitivos à Percepção Geográfica. **Geografia**, v. 2, n. 3, p. 61-72, abr., 1977.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. A análise do discurso: algumas observações. **Revista Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 105-126, 1986.
- RAFFESTIN, Claude. Paysage et Territorialité. **Cahiers de Géographie de Québec**. Québec, v. 21, n. 53-54, p. 123-134, sep./dec., 1977.
- SILVA, Moacir M. A Propósito da Palavra "Sertão". **Boletim Geográfico**, n. 90, p. 637-652, 1950.

Sertão de Ariano Suassuna — família e poder: uma leitura

SUASSUNA, Ariano. **História D'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão ao Sol da Onça Caetana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SUASSUNA, Livia. Em Busca do Sentido a Partir da Dispersão do Sujeito. **Revista da FEC do ABC**. Caetano do Sul, a.3, p. 39-54, out., 1986.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo, DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia — Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VERNON, Marian D. **The Psychology of Perception**. London: Pequin Books, 1971.

VURPILLOT, Eliane. A Percepção do Espaço. In: FRAISSE Paul & PIAGET, Jean. **Tratado de Psicologia Experimental**. v. 6, p. 95-176.